O PATRIARCADO E A INVISIBILIDADE DE MENINAS AUTISTAS: O QUE ISSO TEM A VER

Jessica Prestes dos Santos[1]
Juliana Crespo Lopes[2]

RESUMO

Este trabalho irá percorrer alguns caminhos que demonstram como a perspectivas patriarcais e patologizantes podem estar relacionadas a invisibilidade de mulheres autistas. Apesar do debate acerca da pessoa autista e sua inclusão nos diversos âmbitos da sociedade terem avançado consideravelmente nos últimos anos, ainda é um debate pautado em padrões normocêntricos e patologizantes. Para tanto, a pesquisa utilizará da interseccionalidade para compreender como as formas de opressão acerca da deficiência e gênero estão entrelaçadas. Neste trabalho considerará principalmente inclusão da pessoa autista no espaço escolar e discutir como estas podem ter maior suporte ou ser negligenciadas devido seu gênero, raça ou classe social. Dentro da escola, percebemos que muitas vezes, aqueles que possuem um local de poder, colocam seus conceitos culturalmente enraizados em busca de ordem do local, buscando uma hegemonia. Local de poder aqui é visto não só como um cargo, mas o poder simbólico de uma identidade com relação a outra, como os estudantes podem incluir, segregar ou excluir o outro devido aos padrões historicamente mantidos. Desse modo, também utilizaremos de referenciais teóricos que nos auxiliem a demonstrar como a distinção e desigualdade de gênero faz diferença no meio escolar. A partir da revisão bibliográfica, se propõe a trazer reflexões que nos permitam analisar nossas ações enquanto educadores, quebrando padrões capacitistas e promovendo uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa.

Palavras-chave: Gênero, Educação Inclusiva, Interseccionalidade.

[1] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Paraná (UFPR) e-mail: jessica.prestes@ufpr.br
[2] Professora Adjunta do Setor de Educação – Universidade Federal do Paraná (UFPR) e-mail: juliana.crespo@ufpr.br